

ENTREVISTA

NAS FRONTEIRAS ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA:

a trajetória e o pensamento de Luiz Costa Lima

Prof. Dr. Luiz de França Costa Lima Filho (PUC-Rio)

Entrevista cedida a Equipe Editorial da Revista Espacialidades

Revista Espacialidades: Inicialmente, gostaríamos de agradecer a sua disponibilidade e prontidão em colaborar com o atual dossiê da Revista Espacialidades. Já são mais de 50 anos de dedicação aos estudos literários relacionados à História em sua carreira, tendo elaborado obras de referência nesse percurso, entre elas *O controle do imaginário* (1984) e *História. Ficção. Literatura* (2006). Dessa maneira, gostaríamos de convidá-lo a discorrer um pouco sobre essas duas áreas, a História e a Literatura, tecendo considerações sobre os liames e distanciamentos entre ambas. Quais caminhos o senhor trilhou na concepção de suas obras e que autores e conceitos o auxiliaram na formação de seu pensamento?

Luiz de França Costa Lima Filho: Meu interesse pelo enlace entre história e literatura tem-se dado para justamente me contrapor à tendência quase absoluta entre nós: de vê-las como expressão de uma direção comum. Isso me parece uma maneira capital para desentender uma e outra. A história, por um lado, não se confunde com a restituição do que houve - sem que haja de minha parte maior afinidade com Ranke, a verdade é que ele é repetido sem o entendimento cabal do que propôs - pois, contra todo factualismo, o fato é repostado a partir da perspectiva em que o historiador se põe. Por isso traduzi alguns textos capitais de Koselleck, lamentavelmente ainda não publicados (devem sê-lo pela UNESCO). Mais prejudicada que a história é a literatura. Para começar, 'literatura' é um termo ambíguo e insuficiente. Tenho procurado reiterar que a literatura é formada fundamentalmente

(embora não só) por textos ficcionais, quer em prosa, quer em verso. Mas o ganho não é grande com a mudança terminológica, pois 'ficção' é, entre nós, confundido com "mentira" e "fantasia extravagante". Sem pretender substituir uma reflexão longa e demorada, chamo a atenção particular para o MÍMESIS e ARREDORES, CRV, Curitiba, 2017 - destacado porque sua distribuição é a mais irregular, entre todos meus livros. Veja-se, por exemplo, aí a análise que faço de "Cemitérios pernambucanos" de João Cabral, para que se perceba que na análise do poema não cabem descrições factuais. - Que autores têm-me amparado nesta investigação? Tentar enumerá-los seria correr o risco de algum esquecimento injusto. Lembro apenas dois com quem tenho ultimamente dialogado: Arnold Gehlen e Reinhart Koselleck. Lamentavelmente, que saiba, nenhum dos dois participa da pobre bibliografia nacional.

Revista Espacialidades: O Dossiê Temático do Volume 16, nº 2 da Revista Espacialidades, busca reunir artigos que discorram sobre “As construções dos espaços nas narrativas literárias”, entendendo que as relações entre História e Literatura estabelecem uma dimensão crítica. Para se avaliar tempo e espaço, podemos ter como base as experiências de homens e mulheres, sensibilidades e afetos, traduzidos pela visão de autores em narrativas literárias. Desse modo, a partir de sua visão enquanto crítico literário, como os escritores podem construir espaços além dos personagens que narram a história, espacialidades que ajudem a expressar as intenções do autor? Poderia nos dar algum exemplo de obra literária que apresente esse aspecto?

Luiz de França Costa Lima Filho: Chamo a atenção especial para o livro de Joseph Frank: THE IDEA OF SPATIAL FORM (1991), de Joseph Frank. A ideia oposta da forma temporal é ressaltada a partir do privilégio concedido à subjetividade individual, a partir do século XVIII, e enfatizado pelo romantismo. É

verdade que essa ênfase se acentua a partir do realce cartesiano à consciência. Entre esta e o ego, a relação é da parte para o todo, i.e., é uma relação de contiguidade. Por isso ao privilégio do tempo corresponde, fora do campo ficcional, o privilégio do conceito. (O comumente chamado 'realismo' abrange tanto o âmbito da ficção, quanto da poesia). Venhamos à forma espacial. Frank destaca o ROMANTICISM AND CLASSICISM de T. E. Hulme, por sua respaldado pelo crítico de arte, W. Worringer, sobretudo em ABSTRAÇÃO E EMPATIA (há a tradução em inglês). É com base neste apoio que Hulme fundou "sua rejeição do emocionalismo irrestrita que os românticos algumas vezes impingiram como literatura" e "acentupou que os estilos não naturalistas suprimiam o orgânico, que podia também significar o pessoal e o subjetivo", dando-lhe a chave para o novo e o estilo correspondente na literatura moderna" (Frank, J.: 59). Como primeiro exemplo concreto, o autor recordava a cena campestre de MME. BOVARY, onde a retórica sentimental de Rodolphe aparece próxima à nomeação dos ganhadores do prêmio para os melhores criadores de porcos. A passagem é de sua parte relacionada a Proust e T. S. Eliot, em que dois imagens, referentes a dois momentos diferentes estimulam sua não coincidência na sensibilidade do leitor. Ou seja, o espaço, a coordenação espacial da imagem - mais concretamente da metáfora - se contrapõe à ênfase na temporalidade, vivida como única e apropriada ao realce da individualidade. À ênfase diversa no espaço corresponde ao que Eliot chamava de "correlato objetivo". - As observações anteriores devem tornar clara a referência a seguir: "(...) Desde que a arte moderna é não naturalista, podemos dizer que ela se move na direção da espacialidade crescente. A significação da forma espacial na literatura moderna torna-se então clara; é o complemento exato na literatura, ao nível da forma estética, do desenvolvimento que sucedeu nas artes plásticas" (idem, 60-1). (Acredito que a distinção, aqui apenas esboçada, tem um papel importante entre nós porque a grande maioria de nossos poetas - para não falar dos prosadores - parece continuar a ignorá-la).

Para os que leiam em alemão, chamo particularmente a atenção do ensaio de H. U. Gumbrecht sobre o espanhol Gracián (1601 - 1658), BALTASAR

GRACIÁNS DENK-RAUM, a ser publicado em agosto próximo). O jesuíta Gracián, exposto a partir de seu ORÁCULO MANUAL (1647) é destacado por dois traços: embora a agudeza de suas imagens tenham levado a ser designado como "conceptista", Gumbrecht, apoiado por notável ensaio de Werner Krauss, de 1947, mostra que tais imagens nunca conduziam a um conceito. E que assim sucedia porque se apoiavam em uma concepção pré-moderna de mundo, ou seja, aquela de cunho cristão que via o mundo formado por criaturas, humanas e não humanas, diversas, diversificadas, formadas por corpo e espírito, e não unificadas, como o será a partir de Descartes, pela consciência. Seria fantástico que, diminuindo nossa carência bibliográfica, alguém se animasse a traduzi-lo.

Revista Espacialidades: Entrando em assuntos mais específicos de suas pesquisas, sabemos que problemáticas relacionadas a *mimesis* têm sido o seu foco em inúmeras trabalhos. Quando o assunto passou a lhe interessar? E quais os motivos o levam a questionar a temática ao longo de sua trajetória de pesquisa?

Luiz de França Costa Lima Filho: Meu interesse pela *mimesis* tem sido a maneira como tenho procurado me contrapor à indiscriminação da ficção literária com a história. Não se trata de negar que o solo tanto da ficção como das ciências é de natureza histórica. Mas que ficção e ciências - naturais ou sociais - constituem discursos diferenciados, ou seja, são modalidades de uso da linguagem que não se explicam simplesmente por remeter ao fundo em que se movem. Isso começa a se explicitar em *MÍMESIS E MODERNIDADE* (1980). Sua ênfase se acentua mais recentemente, a partir de 2015, com *OS EIXOS DA LINGUAGEM*.

Revista Espacialidades: Em *Melancolia: literatura* (2017) é feito um estudo sobre a melancolia, assunto que tem marcas de inquietação desde a antiguidade com o pensamento do filósofo grego Hipócrates que o associou

a uma doença do corpo causada pela bÍlis negra. O senhor poderia nos contar um pouco como esse tema lhe provocou inquietações para discutir esse fenômeno a partir da arte literária.

Luiz de França Costa Lima Filho: Não tenho grande admiração por minha própria memória. Recordo apenas que me preocupava distinguir a melancolia, em si, de sua expressão literária. Tentando recuperar um pouco o que teria então me movido: distinguir a motivação para a escrita ficcional de um fundo melancólico era um modo de atacar o romantismo difuso que, entre nós, coexiste com uma explicação realista latente - explicação realista pela qual se perpetua a ideia imitativa, que impede de se penetrar no âmbito da mimesis.

Revista Espacialidades: As relações da História com a Literatura ainda provocam um debate primoroso na pesquisa acadêmica e a retomada desse assunto em seu livro *O insistente inacabado* (2018) reforça essa questão. Em uma passagem do livro o senhor asseverou que o bom intérprete do ficcional há de ser, ao seu modo, também um inventor. Pensando um pouco a figura do historiador, e os dilemas da disciplina histórica ao longo dos anos com a narrativa e a linguagem, como o senhor percebe a relação do historiador nas corporeidades de um inventor?

Luiz de França Costa Lima Filho: A história necessita por certo do inventividade compositiva de seus agentes, os historiadores. Mas eles não podem deixar de considerar que sua inventividade tem um limite: conquanto a história não se compõe da inter relação de fatos, ela se perde se seu agente inventa cenas não sucedidas. Noutras palavras, a inventividade do historiador é restrita, conquanto essa restrição não se confunda com o privilégio do factual.

Revista Espacialidades: Uma questão que foi e ainda é muito cara até os dias de hoje, especialmente aos historiadores, diz respeito a análise de obras literárias como rota de investigação na busca de fatos e acontecimentos verossímeis a determinada realidade histórica. Como os historiadores podem ir além dessa sistemática de pesquisa?

Luiz de França Costa Lima Filho: Embora seja professor como maneira de ganhar a vida, não pretendo dar lição a ninguém. Sei bem, e lamento, que o factualismo em que se procura converter a ficção literária é frequente não só entre os historiadores, mas também na crítica que permanece entre nós vigente. Poderei no máximo recordar que a ficção tem como parâmetros básicos semelhança e diferença. A semelhança, ao se converter em verossimilhança, é o elemento pelo qual o autor, consciente ou inconscientemente, situa sua obra no tempo-espaço, i.e. na história. Esse elementos de arranque será entretanto progressivamente diluído pela interferência da diferença - correspondente ao que Joseph Frank, nas passagens acima citadas, chamava de não naturalismo. Mas o alcance da observação é apenas preliminar. Não creio que o ultrapasse do factualismo e do verossímil possa ser feito senão a partir da operação prática.

Revista Espacialidades: Na autoficção é possível supor a existência de uma superposição entre realidade e ficção. Como o senhor avalia esse hibridismo na literatura contemporânea e a possibilidade dos historiadores transformarem isso em fonte de pesquisa?

Luiz de França Costa Lima Filho: Acho que a ideia de autoficção faz parte do que chamo em obra ainda inédita de autocentração no eu. O centramento no eu tem uma longa história e, na filosofia, encontrou sua primeira grande expressão no destaque hegeliano do espírito (Geist) sobre o corpo. Sem reduzir Hegel a essa manifestação, acrescentaria que ela foi fundamental para que o pensamento

hegeliano tenha constituído a grande herança em que se estabelece o pensamento dominante até às primeiras décadas do século XX.

Revista Espacialidades: Há 20 anos o senhor concedeu uma entrevista a Evandro Nascimento, publicada pela Revista Ipotesi e realizada na ocasião da conferência de lançamento do seu livro *Mimesis: Desafio ao pensamento* (2000), na qual lhe foi perguntado se acreditava em um porvir para a literatura no novo milênio em que adentramos. Naquele momento, o senhor respondeu que não sabia e que possivelmente essa resposta deveria ser formulada por nós ao longo dos anos que viriam, reiterando, entretanto, que um grande problema para literatura naquele momento se dava pela crise nas universidades, as quais precisavam começar a serem repensadas. Algo mudou em sua opinião? Ou ainda é cedo demais para fazermos avaliações sobre a presença e o papel da literatura nesse milênio?

Luiz de França Costa Lima Filho: Obrigado por me lembrar do que já ignorava. Talvez continue cedo. Mas já sabemos que a então aludida crise nas universidades cresceu abruptamente com a eleição do atual governo. Não por acaso, o seu ministro da educação tem procurado reduzir o papel do ensino ao nível fundamental - sem que o tenha melhorado! - e ignorado o papel das ciências sociais. (De literatura, nem falar). Junte-se a isso fator de permanência mais extensa: a substituição do livro por uma mídia fundamentalmente preocupada em aumentar sua audiência. Se não sabemos dar uma resposta taxativa, é certo que nossa produção literária atual não tem um aspecto animador.